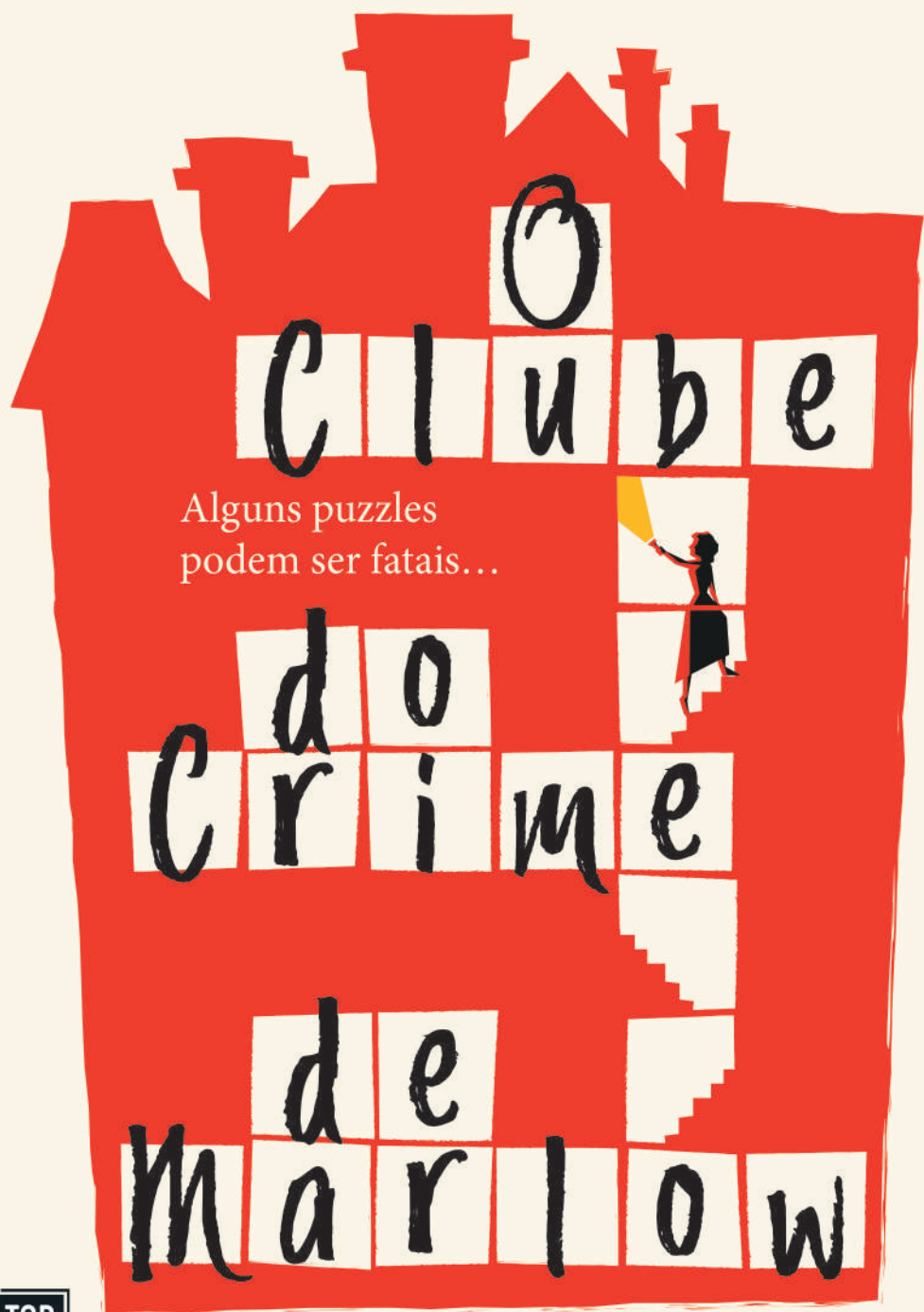


ROBERT THOROGOOD



TOP
SEL
LER

«Agatha Christie com um toque moderno.» *The Sun*

Capítulo 1

A Sra. Judith Potts tinha 77 anos e estava muitíssimo satisfeita com a vida. Morava numa mansão Arts and Crafts nas margens do Tamisa, tinha um emprego que adorava e que lhe ocupava precisamente o tempo certo, e, o melhor de tudo, não precisava de partilhar a vida com homem algum. Isto significava que não havia ninguém a perguntar-lhe o que seria o jantar, a querer saber aonde ia sempre que saía de casa ou a queixar-se de que ela andava a gastar demasiado dinheiro em whisky, do qual bebia diariamente um copito por volta das 6 horas da tarde.

No dia em que a vida de Judith mudou, o verão tinha alcançado o seu pico e Inglaterra enfrentava uma onda de calor desde há semanas. Judith mantivera abertas todas as janelas da casa, na esperança de aproveitar qualquer brisa que descesse o vale, mas parecia não fazer qualquer diferença. O calor do sol tinha-se entranhado nos tijolos e nas vigas da casa, na escadaria de carvalho e no mezanino.

Depois do jantar em frente ao noticiário da noite, pôs o prato vazio de lado e pegou no último número da revista *Puzzler*. Abriu-a num puzzle de lógica e pôs-se a trabalhar nele. Geralmente gostava de reduzir a linguagem das pistas à matemática

de 1 e 0, mas a noite não estava propícia a essa tarefa. Estava demasiado calor para se concentrar.

A mão de Judith moveu-se distraidamente em direção à chave que trazia pendurada num colar, e os seus pensamentos vaguearam até ao passado, para tempos bastante mais negros. Levantou-se nesse mesmo instante. Inadmissível, disse para consigo. Completamente inadmissível. Podia sempre encontrar outra coisa qualquer para se manter ocupada. Precisava de uma mudança de ares, só isso, e tinha a solução perfeita.

Judith começou a despír-se. A cada peça retirada, sentia-se mais e mais liberta da opressão sufocante do dia. Uma vez nua, toda ela vibrava com um prazer endiabrado. Atravessou o corredor, passou pelo piano de cauda, um *Blüthner* que só tocava quando estava mesmo muito bêbeda, e pegou numa capa de lã cinzenta que guardava junto à porta da rua.

A capa de Judith era o seu bem mais precioso. Explicava a quem quer que lho perguntasse, e várias pessoas o faziam, que a aquecia no inverno, que servia de manta de piquenique no verão, e que podia cobrir-se com ela se fosse apanhada de surpresa por um aguaceiro primaveril.

E melhor: Judith acreditava que era um manto de invisibilidade. Todas as tardes, fizesse chuva ou sol, despia-se, embrulhava-se na capa e saía de casa, enlevada por um *frisson* de travessura. Enfiava os pés numas galochas velhas e atravessava a relva alta — *splish, splash!* — até à casa dos barcos. Tal como o resto da propriedade de Judith, era de tijolo cor-de-rosa com caixilharia de madeira e estava um pouco decrépita.

Judith penetrou na escuridão repleta de teias de aranha e descalçou as galochas. Pendurou a capa num cabide velho e, ainda oculta do mundo exterior pelos portões antigos da casa dos barcos, desceu a rampa empedrada para mergulhar no Tamisa.

Era-lhe uma experiência quase religiosa, deixar a água fria envolver-lhe a pele. Judith inspirou fundo antes de submergir o

corpo. De um momento para o outro, ficava sem peso, sustentada pela água doce que, ao roçar-lhe o corpo, parecia seda.

Nadou rio acima, sob o sol vespertino que cintilava na água como diamantes. Judith sorriu para si mesma. Não conseguia evitá-lo: sorria sempre para si mesma quando estava a nadar. Ao fim e ao cabo, podia haver alguém a passear o cão no trilho do Tamisa e era inegável que havia pessoas por perto, percebeu ela ao olhar para a torre da igreja de Marlow e para a ponte suspensa vitoriana que ligava a cidade a Bisham, a aldeia vizinha. Nenhuma delas, contudo, desconfiava que havia uma mulher de 77 anos a nadar nas redondezas, e completamente despida.

Judith estava precisamente a pensar *Isto é que é vida*, quando ouviu um grito.

Tinha vindo da outra margem do rio, algures perto da casa de Stefan Dunwoody, seu vizinho, se bem que, dada a posição em que se encontrava dentro de água, Judith não conseguisse ver o que estava a acontecer. A única coisa que identificava por cima dos juncais era o telhado de Stefan.

Judith esforçou-se por ouvir alguma coisa, mas estava tudo em silêncio. Acabou por se convencer de que deveria ter sido um animal. Um cão ou uma raposa, talvez.

Até que, de repente, ouviu uma voz masculina gritar:

— Ei! Não!

O que diabo era aquilo?

— És tu, Stefan? — gritou Judith do rio, mas as suas palavras foram engolidas pelo disparo cortante de um tiro. — Stefan? — clamou ela outra vez, tomada pelo pânico. — Está tudo bem?

O silêncio era absoluto, mas Judith sabia perfeitamente o que tinha ouvido. Alguém disparara uma arma, certo? E fora a voz de Stefan que ouvira pouco antes. E se ele estivesse a esvair-se em sangue com um tiro e precisasse que o salvassem?

Judith nadou até à casa de Stefan o mais depressa que conseguiu; porém, ao chegar à margem percebeu que tinha um problema. Para lá dos juncos, Stefan tinha instalado uma chapa

ondulada de metal a toda a volta do relvado, para o proteger da erosão do rio. Judith sabia que se iria cortar se tentasse nadar por entre os juncos, e mesmo que conseguisse chegar a terra não seria capaz de se içar para a margem. Não teria forças.

Avistou um pouco mais à frente uma canoa azul, amarrada entre os caniços. Conseguiria usá-la para tirar o corpo da água? Tentou segurá-la, mas era-lhe impossível encontrar um sítio onde se apoiar convenientemente, visto que a canoa não parava de abanar, como uma rolha de cortiça, e Judith concluiu que, fosse como fosse, nunca seria capaz de encontrar o equilíbrio para se colocar em cima dela. Tentou, ainda assim, uma última vez, e quase conseguiu empoleirar-se, mas a canoa começou lentamente a virar-se, Judith perdeu o apoio e caiu desajeitadamente ao rio.

Veio à tona e sacudiu a água do cabelo. Se a canoa estava fora de questão, o que poderia fazer?

Nadou até ao meio do rio e procurou desesperadamente alguém que a pudesse ajudar. Onde estavam as pessoas a passear cães e os casalinhos apaixonados quando precisava deles? Não conseguia ver ninguém. Só lhe restava uma opção. Deu meia-volta e nadou até casa o mais depressa que era capaz.

Mal chegou à casa dos barcos, saiu da água, ofegante, mas não havia tempo a perder. Pôs a capa à volta dos ombros e atravessou o relvado apressadamente, voltando a cabeça para olhar para a casa de Stefan. Só conseguia distinguir metade do jardim dele por trás do salgueiro-chorão que crescia indomado do seu lado do rio.

Entrou a correr em casa, pegou no telefone e marcou o 999. Enquanto esperava pela ligação, foi até à janela. Olhou de novo para a propriedade de Stefan.

— Preciso da polícia — disse Judith assim que atenderam a chamada. — Houve um tiroteio em casa do meu vizinho! Depressa! Há alguém ferido!

O operador anotou a morada de Stefan, registou o que Judith tinha visto, informou-a de que os serviços de emergência iam a caminho e desligou. Judith sentiu-se imensamente frustrada.

O que mais poderia fazer? A quem mais poderia telefonar? Para a guarda costeira, talvez? Era uma catástrofe ribeirinha, ao fim e ao cabo. Ou ao RNLI?¹

Judith voltou a espreitar pela janela. A propriedade de Stefan mantinha-se igual, aparentemente tranquila sob o sol crepuscular.

Se alguém passasse no rio naquele instante e olhasse por acaso para a casa de Judith, teria visto uma septuagenária baixota e rechonchuda, de cabelo branco desgrenhado, completamente despida à janela, de capa sobre os ombros como uma espécie de super-heroína. Coisa que, em vários aspetos, era.

Só que ainda não o sabia.

¹ Royal National Lifeboat Institution. Instituição de caridade que presta socorros marítimos. [N. T.]

Capítulo 2

Meia hora depois, Judith viu chegar um carro-patrolha a casa de Stefan, do qual saiu um polícia fardado. Tentou acompanhá-lo com os binóculos, enquanto ele espreitava pelas janelas e dava uma volta ao jardim. Apeteceu-lhe gritar para o outro lado do rio que se calhar o melhor era procurar como deve ser, mas mordeu a língua. Queria acreditar que a polícia sabia o que estava a fazer e que iriam encontrar indícios do que quer que fosse que tinha acontecido.

No entanto, após vinte minutos de uma busca que Judith só poderia descrever como superficial, o agente regressou ao carro, entrou e arrancou.

Já está? Só isso? O homem praticamente não tinha investigado o jardim, e nem sequer entrara na casa de Stefan. Talvez tivesse ido buscar reforços. Judith continuou à espreita. E à espera.

À meia-noite, descobriu que já não havia whisky no decantador da mesinha ao seu lado. Isso era sempre sinal de que devia ir para a cama. Ao subir a escadaria de carvalho, percebeu que precisava de se agarrar ao corrimão com um bocadinho mais força que o costume, de tonta que estava. Virou depois à esquerda para o seu quarto, ainda que este ficasse à direita, mas, depois de corrigir a rota e de ficar momentaneamente presa numa aspidistra teimosa, conseguiu chegar a salvo ao seu destino.

Judith adorava o seu quarto. Os painéis de madeira estavam pintados de verde-claro e a majestosa cama tinha quatro pilastras e uma tapeçaria com uma cena de caça medieval a servir de dossel. Que o quarto estivesse cheio de roupas usadas, pratos com restos de comida e pilhas de jornais e revistas não a incomodava nem um bocadinho. Judith nem sequer reparava na bagunça. Na verdade, deixava-se envolver nela da mesma forma que deixava o rio abraçá-la quando ia nadar. Quanto mais desarrumado estivesse o quarto, mais segura e aconchegada se sentia no seu casulo.

Na manhã seguinte, acordou com o som do telefone a tocar. Esticou o braço na sua direção, constatando, estremunhada, que já passava das 10 da manhã.

— Sim? — resmungou.

— Bom dia — disse uma voz feminina num tom eficiente. — Daqui fala a sargento-detetive Tanika Malik, da esquadra de Maidenhead. Estou a ligar por causa do incidente na propriedade do Sr. Dunwoody que reportou ontem à noite.

— Ah, sim, obrigada por ligar — disse Judith, ainda um pouco grogue.

A sargento-detetive explicou que tinha mandado um agente inspecionar a casa e o jardim do Sr. Dunwoody. Ele não tinha encontrado nada digno de nota, pelo que telefonava para avisar Judith de que não havia com o que se preocupar.

— Mas eu sei bem o que ouvi! — protestou Judith.

— Sim, o relatório diz que ouviu um tiro.

— Não foi só um tiro. Ouvi alguém a gritar qualquer coisa como: «Ei! Não!». *Depois* ouvi o tiro.

— Se bem percebi, a senhora estava a nadar no rio nessa altura. Tem a certeza de ter ouvido realmente um tiro?

Judith estava agora completamente desperta, e muito irritada.

— Eu cresci numa quinta. Conheço perfeitamente o barulho de uma arma.

— Mas e se tiver sido outra coisa?

— Como o quê?

— Bem, pode ter sido o escape de um carro, por exemplo.

Judith não tinha pensado nisso. Ponderou um segundo antes de responder.

— Não. Certamente que teria percebido se fosse um carro. Foi um tiro. Imagino que o seu agente lhe tenha dito que o carro do Stefan continua estacionado à entrada?

— Por que motivo menciona isso?

— Porque calculo que o Stefan não tenha atendido o telefone quando lhe ligou, pois não?

— Não. Desculpe, mas não estou a seguir o seu raciocínio. Que telefonema?

— Deve ter-lhe telefonado ontem à noite, ou não?

— Não posso partilhar consigo os pormenores das nossas diligências.

— Quer dizer, se uma vizinha vos liga a comunicar um tiro-teio numa casa, é claro que telefonam para averiguar o que se passa. E o facto de não me ter dito que ele atendeu o telefone leva-me a crer que ele *não* atendeu. Portanto, uma vez que o carro dele continua estacionado à entrada, enfim, diria que lhe aconteceu alguma coisa. Se estivermos em casa, atendemos o telefone. Se tivermos saído, levamos o carro connosco. Pelo menos quem tenha um carro, o que não é o meu caso.

A sargento-detetive Malik não respondeu imediatamente.

— A senhora passou muito tempo a pensar nisto, não foi? — acabou por dizer.

— Não conseguia pensar em mais nada ontem à noite. Fiquei tão preocupada com o Stefan. E se lhe tiverem dado um tiro? E se o atirador estiver a monte? Aliás, e se o Stefan estiver neste preciso momento caído numa valeta a esvair-se em sangue?

— Não me parece que ele esteja caído numa valeta. Tenho a certeza de que há uma explicação totalmente inofensiva para tudo isto. Não havia nada na propriedade que indicasse que algo de estranho tivesse acontecido, e não é assim tão invulgar as pessoas ignorarem o telefone. Estamos em período de férias.

As pessoas vão para fora. Estou certa de que o Sr. Dunwoody vai aparecer nos próximos dias. Assim que acontecer, avisá-la-ei. Acredite em mim, não tem nada com que se preocupar.

A sargento-detetive Malik terminou a chamada agradecendo a Judith por ser uma vizinha com elevada consciência cívica e desligou.

Depois disso, Judith ficou deitada na cama sem saber o que fazer. Teria a detetive-sargento Malik razão? Haveria realmente uma explicação inofensiva para o que ouvira no dia anterior? Isto é, se havia uma coisa de que Judith podia ter a certeza era que não havia homicídios em Marlow.

Resolveu tirar aquela ideia da cabeça e dedicar-se ao trabalho do dia.

Quando, em 1976, herdou a casa da sua tia-avó, Betty, recebeu também uma carteira de ações que lhe garantia um rendimento modesto, de maneira que não precisava de esfalfar-se a trabalhar. Contudo, nada a teria feito desistir do seu emprego, do qual gostava demasiado.

Judith compilava palavras cruzadas para os jornais nacionais. Fazia duas ou três por semana, e o tempo que passava diariamente a trabalhar nesses quebra-cabeças era um refúgio precioso para o seu espírito. Quando montava um jogo de palavras cruzadas descia sobre ela uma calma que a fazia perder-se dentro de si mesma horas a fio, trabalhando cuidadosamente todas as permutações de um anagrama particularmente satisfatório, ou burilando uma palavra ou expressão elegante que pudesse ser interpretada de várias maneiras.

Judith atravessou a sala de estar até à mesa de jogo junto à janela e alisou o feltro verde com a mão. Depois, retirou uma folha de papel quadriculado de uma das prateleiras de cima. Escolheu um lápis de um copo cheio de lápis 2B e, embora não precisasse de ser afiado, inseriu-o no afia-lápis de metal preso à secretária.

Segurou-o enquanto o velho motor elétrico girava, e o lápis que retirou segundos depois não era tanto um instrumento de escrita, mas mais uma arma letal.

Judith sorriu. Um lápis novo. O quadriculado vazio do papel à sua frente. A luta que se avizinhava.

Sentou-se, pegou na régua de madeira e começou a marcar uma grelha de quinze por quinze quadrados. Então, sombreou um padrão de quadrados mais escuros seguindo uma linha de simetria, de maneira que cada quadrado preto tivesse um gêmeo refletido do lado direito. Não havia nenhum esquema em particular que costumasse seguir: eram sobretudo as várias décadas de experiência que lhe guiavam a mão.

Depois de ter construído a sua grelha, só precisava de preencher os espaços vazios com palavras. Sabia que isto lhe tomaria a próxima hora ou pouco mais, e só quando estivesse satisfeita com uma coleção interessante de palavras que se intersetassem umas com as outras é que se dedicaria à redação das pistas.

Quanto ao tipo de pistas que gostava de escrever, procurava fugir à opacidade propositada que vários cruzadistas favoreciam, notoriamente representados pelo puzzle mensal de resolução praticamente impossível que costumava aparecer na revista *Listener*. Achava sempre que havia algo demasiado masculino na maneira como tentavam mostrar que eram muito espertos. «Vejam isto», pareciam alardear, «nem imaginam o génio que sou.» Em vez disso, tal como muitos dos seus pares, preferia seguir os princípios de Ximenes, o lendário cruciverbalista do *Observer* entre 1939 e 1972. Por conseguinte, as suas pistas estavam divididas em duas metades, entre sinónimos e enigmas. E ambas as partes tinham de fazer «jogo limpo» com o solucionador, com a pequena ressalva de que, se uma pista se revelasse suficientemente enge-nhosa ou espirituosa, ela estaria disposta a quebrar excepcionalmente as regras.

Nessa manhã, porém, a musa não quis descer sobre Judith. Tendo já desenhado a grelha de quadrados pretos e em branco,

não se conseguia decidir pelas palavras exatas para preencher o diagrama. Faltava-lhe a determinação. Era por causa de Stefan, como bem sabia. Não se conseguia concentrar. Precisava de saber se ele estava bem.

Pegou no tablet. Não gostava por aí além do aparelho, mas era útil para fotografar e enviar as suas palavras cruzadas para os jornais por e-mail, pelo que se tinha habituado a ele uns anos antes.

Pô-lo à frente da cara, mas a estúpida da maquineta recusava-se a desbloquear, afirmando que não a reconhecia. Judith resmungou, amaldiçoando uma vez mais as indignidades de ser uma velha. O mundo moderno tratava-a como se fosse invisível, e até a porcaria do tablet a criticava por não se parecer convenientemente consigo própria. Era inútil lutar contra a tecnologia, contudo. Tinha-o aprendido há muito, num incidente que envolvera um *iMac* cor de morango, um cabo elétrico não suficientemente comprido e uma visita às urgências.

Judith inspirou fundo e recompôs-se.

Levantou mais o tablet e olhou para ele outra vez.

Não aconteceu nada.

Porcaria de coisa!, resmungou, antes de introduzir a palavra passe e abrir o *browser*. Teria aparecido alguma notícia sobre Stefan nas últimas 24 horas?

Introduziu «Stefan Dunwoody» na barra de pesquisa, mas os resultados só lhe diziam que ele era dono de uma galeria de arte chamada Dunwoody Arts, em Marlow, algo que estava fartinha de saber. Porém, queria ser meticulosa, pelo que avançou para as páginas seguintes.

E, no entanto, o que era isto? Um dos últimos resultados continha uma ligação para a página de um jornal local, o *Bucks Free Press*. Foi o título que lhe chamou a atenção: ALGAZARRA NA REGATA DE HENLEY.

Assim que abriu o *link*, deu por si a ler uma coluna de mexericos que fora escrita à margem da cobertura da Regata Real de Henley, seis semanas antes.

Chegou-nos notícia de que Stefan Dunwoody, o proprietário de uma galeria de arte local, se envolveu numa discussão embriagada na Tribuna Real com Elliot Howard, dono da Leiloeira de Marlow. Segundo o nosso passarinho, quando o Sr. Howard ameaçou o Sr. Dunwoody com pancadaria, os assistentes foram chamados e os dois cavalheiros foram expulsos à força.

Judith pousou o tablet. Com que então, o seu vizinho tinha-se metido numa zaragata de bêbedos com um homem chamado Elliot Howard, em Henley, e passadas poucas semanas parecia que tinha havido outro confronto na propriedade dele.

Um confronto durante o qual alguém tinha disparado uma arma. Após o qual Stefan desaparecera.

Raios me partam isto, pensou Judith enquanto atravessava a sala, antes de tirar a capa do cabide e sair de casa.

Foi até à casa dos barcos, abeirou-se de uma velha bateira e empurrou-a com o pé. Saltou para cima do barco e agarrou na vara no preciso instante em que a bateira atravessava as portas carcomidas do seu abrigo, deslizando na água do rio.

Apesar da sua idade avançada, Judith era uma exímia condutora de bateira. Com uma torção dos pulsos, espetou a vara no leito do rio, dobrou-se pela cintura e impeliu o barco com toda a força. À medida que a bateira avançava, Judith cravava e rodava a vara no fundo lamacento, até conferir à embarcação o impulso necessário para atravessar a parte mais funda.

Quando chegou à outra margem e o rio tornou a ser raso, não lhe custou muito usar a vara para subir os mais de 50 metros que a separavam de casa de Stefan, usando a proa para atravessar a muralha de juncos que protegiam a margem e pôr um pé no terreno dele. Não precisava de prender o barco: cercado como estava pelos caniços, não ia a lado nenhum.

Ao consultar o relógio, Judith pôde ver que oito minutos antes estava sentada em sua casa, para agora dar consigo ali, à beira do palco do misterioso desaparecimento do seu vizinho.

A casa de Stefan era realmente esplêndida, na perspectiva de Judith. Era um velho moinho de água recuperado, com uma nora de madeira que ainda girava indolentemente, no qual tinham sido recortadas janelas de vidro retangulares de diversos tamanhos. Era ao mesmo tempo agradavelmente antiquado e moderno.

Foi dar uma olhadela ao carro de Stefan, estacionado na entrada. Judith não percebia nada de carros, e o seu interesse por eles era pouco mais do que nenhum, pelo que a única coisa que podia dizer acerca do automóvel era que tinha a cor cinzenta e que todo ele reluzia, sem a mais pequena mancha. Não se apercebeu de quaisquer outras marcas de pneus no cascalho, nem de qualquer outra pista que sugerisse que Stefan pudesse ter saído de casa num veículo diferente.

Deu uma volta pelo jardim, tentando perceber de onde poderia ter vindo o barulho do tiro, mas era difícil situar-se quando o seu único ponto de referência ficava a um nível mais baixo, no rio, por trás dos juncos.

Aliás, demorou poucos minutos às voltas e a inspecionar o caniçal até lhe ocorrer que nem sequer sabia bem do que estava à procura. Uma gota de sangue numa folha? Uma pegada na lama?

Judith observou a nora de madeira a girar ao lado da casa e a pequena represa que a alimentava. Apesar do calor, Judith tremeu só de pensar naquela água escura. Havia qualquer coisa nos corpos de água parada que a deixavam assustada. Se bem que, olhando melhor, fosse possível notar que a água não estava completamente parada. Via-se uma pequena corrente a ondular à superfície. Para onde iria a água?

Judith contornou o pequeno lago até constatar que dava para um canal com cerca de três metros de largura. Entre o fim da represa e a levada, havia um passadiço de tijolo que atravessava de um lado do jardim para o outro.

Judith avaliou o canal que se estendia para lá da represa. Teria, de algum modo, de desaguar no Tamisa. Mas era difícil perceber exatamente como, já que Stefan permitira que aquela secção do

jardim crescesse descontroladamente, e a água levada escondia-se por baixo dos arbustos e do matagal que se aglomerava em ambos os lados.

Judith percebeu que teria de seguir o curso da levada. Suspirou. Teria de ser minuciosa. Como tal, abriu caminho entre os arbustos, ignorando os galhos que a arranhavam e as teias de aranha que se lhe colavam à cara e ao cabelo enquanto se esforçava por passar.

Ao transpor o matagal, Judith ficou decepcionada. Esse recanto do jardim era ainda mais bravio, mas permitia ver a levada a terminar num tubo de cimento tapado por uma grelha de ferro que devolvia a água ao Tamisa. Não havia nada de interessante naquele sítio.

Ainda que, ao recuperar o fôlego depois da estafa, se tivesse apercebido de algo no ar, um cheiro fétido, como o de uma pilha de estrume. Seria a água parada da represa? Olhou para a água que entrava no tubo de cimento. Havia um ramo de árvore meio submerso a bloquear a água, onde se tinham amontoado algumas folhas.

Até que de repente Judith percebeu uma coisa.

Não era um ramo.

Era o braço de uma pessoa.

Estava esticado fora de água. A pele da mão era branca como mármore. E, um pouco mais dentro de água, conseguiu distinguir o corpo.

Era o seu vizinho, Stefan Dunwoody.

E no meio da testa tinha um furo preto, minúsculo. O buraco de uma bala.

Judith recuou, assustada, levando a mão ao pescoço.

Tinha razão, desde o início.

Stefan Dunwoody, o seu amigo, o seu vizinho, tinha sido morto a tiro.

Capítulo 3

Uma hora depois, Judith estava sentada num banco, no jardim de Stefan, a ser interrogada pela sargento-detetive Tanika Malik. A oficial da polícia tinha 40 e poucos anos, vestia um fato elegante e mostrava uma eficiência professoral que Judith depressa começara a achar irritante.

— Não compreendo, Sra. Potts — disse a sargento Malik.
— A senhora diz que *voltou* à propriedade do Sr. Dunwoody?

— Sim — retorquiu Judith, levantando o queixo em tom de desafio. — Já lhe tinha explicado ao telefone. Eu bem sabia que tinha ouvido um tiro ontem à noite. Se o seu agente pensou que não valia a pena investigar como deve ser, achei que devia dar eu uma olhadela.

— Houve mais alguma razão para ter voltado?

— Não sei se percebi.

— Estava à espera de encontrar um cadáver?

— Não, é claro que não.

— E, no entanto, encontrou-o, não foi?

— O que é mais do que o seu colega foi capaz, devo fazer-lhe notar. Agora, diga-me uma coisa: sabia que o Stefan se envolveu numa rixa com um homem chamado Elliot Howard há umas semanas?

— Desculpe?

Judith contou à detetive Malik o que lera no tabloide local, que descrevia a discussão na Regata Real de Henley entre Stefan e o dono da Leiloeira de Marlow, Elliot Howard.

— E isso foi há seis semanas?

— Exatamente.

— Estou a ver.

A sargento-detetive Malik refletiu durante um momento.

— O que foi? — quis saber Judith.

— Desculpe, mas posso fazer-lhe uma pergunta? Enquanto vizinha do Sr. Dunwoody?

— É claro.

— Acontece que temos a regra de cruzar os nomes referidos nas denúncias que recebemos com a base de dados da polícia. Procurei pelo Sr. Dunwoody. Não tem qualquer espécie de cadastro. É dono da galeria de arte de Marlow, vive sozinho, nada de extraordinário. Mas, há cinco semanas, comunicou-nos um assalto.

— Ai sim? O que foi que roubaram?

— A questão é essa. Ele disse-nos que estava num restaurante com amigos e que, ao chegar a casa, viu que alguém lhe tinha partido uma janela e entrado em casa. Mas, quando um agente veio finalmente recolher o depoimento, o Sr. Dunwoody teve de admitir que não encontrava nada em falta.

— Não roubaram nada?

— Foi o que ele disse. E era óbvio que se tratava de um arrombamento. Mas o computador estava no sítio. A coleção de arte, intocada. E posso garantir-lhe que o Sr. Dunwoody tem imensos quadros a óleo, e nem um foi roubado.

— Isso foi há cinco semanas? Uma semana *depois* da zaragata com o Sr. Dunwoody em Henley?

— Calculo que sim. O Sr. Dunwoody chegou a falar-lhe do arrombamento?

— Não falo com o Stefan há semanas, infelizmente.

— E viu alguma coisa de suspeito na altura? Alguém a rondar a propriedade dele? Um carro diferente estacionado junto à casa?

— Lamento, mas não. Com imensa pena minha. A primeira vez que me apercebi de algo de errado foi quando o ouvi a ser assassinado ontem à noite.

— Vou ter de lhe pedir que tenha calma, Sra. Potts. Não podemos ter a certeza que alguém tenha matado o Sr. Dunwoody.

— Perdão?

— Não sabemos se o Sr. Dunwoody foi assassinado.

— Está a dizer que a bala lhe apareceu na testa por magia?

— Enfim, não, mas não podemos excluir que a morte dele tenha sido um acidente terrível. Ou que ele o tenha feito a si mesmo.

— Acha que ele se suicidou?

— É uma hipótese.

— Sandices!

A sargento Malik piscou os olhos, surpreendida. A mulher à sua frente teria mesmo usado a palavra «sandices»?

— Se ele tivesse tirado a própria vida, a pistola estaria caída algures. Antes de ele cair na levada. E posso garantir-lhe que quando andei à procura não vi nenhuma arma.

— Sim, compreendo que possa pensar isso, mas talvez a arma tenha caído depois de ele se matar. Dei instruções aos mergulhadores para procurarem no leito do canal. Entretanto, peço-lhe que não tire conclusões precipitadas, Sra. Potts. Temos de nos deixar conduzir pelos indícios e não pelas suposições.

Judith observou a sargento-detetive Malik. A mulher podia ser muito eficiente, até mesmo capaz, mas faltava-lhe claramente imaginação. Era a típica «delegada de turma», resolveu Judith, no que estava longe de ser um elogio. Mas, enfim, a verdade é que Judith fora expulsa do muitíssimo seletos colégio interno para onde fora enviada em adolescente. Também foi expulsa do muito-mas-mesmo-muito-menos seletos colégio interno onde a puseram a seguir, e do outro depois desse. Escusado será dizer que ela e as

delegadas de turma das escolas que frequentou nunca se tinham dado bem.

Judith suspirou. Muito bem: se a polícia não acreditava que Stefan tinha sido assassinado, então teria ela de conduzir a investigação por si própria, não é verdade?

Quando acabou de prestar depoimento, Judith voltou a entrar na bateira e, lançando um aceno majestoso ao passar pelos técnicos forenses, enfiados nos seus fatos de papel, deixou que o rio a levasse de regresso a casa. Depois, montou a sua velha bicicleta. Afinal, se queria saber quem tinha matado o vizinho, havia um sítio óbvio por onde começar.

Bastavam-lhe cinco minutos a pedalar no trilho do Tamisa para chegar à localidade vizinha: Marlow. Para variar, não respondeu aos múltiplos acenos que lhe faziam os mais perfeitos desconhecidos enquanto passava por eles. Na verdade, não conseguia descortinar porque é que tanta gente a cumprimentava a toda a hora. Nunca lhe tinha ocorrido que era uma espécie de pequena celebridade na cidade. A seu ver, não havia nada de interessante na sua vida, e de cada vez que confessava a sua estupefação com o interesse que alguém demonstrava por ela, só produzia o efeito de reforçar a sua reputação de velhinha excêntrica.

Abandonou o trilho junto a um pequeno parque com baloiços e escorregas, onde um bando de pombos se entretinha a debicar indolentemente o chão. *Criaturas nojentas*, pensou, sentindo um grande sorriso a espalhar-se no rosto enquanto acelerava na direção dos pombos. Pedalou pelo meio do bando a toda a brida, gritando «ARREDEM, pombos!», o que pôs as aves a voar em debandada à sua volta.

Judith adorava Marlow. A seu ver, não era demasiado grande nem demasiado pequena: tinha o tamanho certo. A cidadezinha perfeita para uma Caracóis Dourados como ela. A rua principal tinha uma elegante ponte suspensa vitoriana, com uma antiga

igreja à beira-rio numa ponta e um obelisco na outra; pelo meio, toda a espécie de edifícios históricos representativos das centenas de anos de desenvolvimento gradual da cidade. A ligar tudo isto numa unidade estética, viam-se bandeirinhas vermelhas e azuis penduradas ao longo da rua, criando uma imagem de «tampa de caixinha de bombons» que caracterizava as cidades históricas dos condados vizinhos de Londres, como se fossem um puzzle colorido.

Aquilo que Judith mais apreciava em Marlow, porém, era o facto de não se resumir à pitoresca rua principal. Havia a estação de caminhos de ferro, embora fosse pouco mais do que um casinhoto, na qual se podia embarcar facilmente em vários comboios para Londres. Havia um parque empresarial florescente nos arrabaldes da cidade que dava emprego a milhares de pessoas. E, acima de tudo, os dois liceus locais, de onde saíam sucessivas fornadas de adolescentes bem formados que iam trabalhar como caixa nos supermercados ou servir às mesas nos cafés. Ver todos aqueles jovens infalivelmente educados e agradavelmente atraentes a tratarem dos seus assuntos ou a fazerem piqueniques junto ao rio, ou mesmo a conviverem no *skate park* ao pé do pavilhão de críquete, enchia Judith de felicidade. Se a próxima geração que ia tomar conta do mundo era aquela, então talvez não fosse preciso andarmos tão preocupados, achava ela.

Judith era otimista por natureza — era quase o traço que melhor a definia —, mas também se esforçava por ser o mais honesta possível, pelo que tinha de admitir que, embora Marlow ainda fosse um sítio muito agradável, tinha decaído um pouco na última década, tal como todas as cidades da Grã-Bretanha. Era tudo ótimo para quem fosse um turista a passar o dia: havia imensos restaurantes sofisticados e lojas de roupa, o que talvez desviasse as atenções da dúzia de lojas vazias, com as fachadas elegantemente tapadas para esconder a ausência de negócio. E o simpático senhor que vendia a *Big Issue* numa esquina da rua principal tinha adquirido recentemente a companhia de um

sem-abrigo que se sentava o dia todo de pernas cruzadas com uma lata de moedas à frente.

As pessoas continuavam a ser boas, disse a si mesma enquanto desmontava da bicicleta no topo da rua principal e a encostava a uma parede.

Quanto ao seu destino, Judith tinha-o escolhido no preciso instante em que a sargento-detetive Malik lhe dissera que ela estava errada ao supor que alguém tinha matado o seu vizinho. Ia começar a investigação pela galeria de arte de Stefan Dunwoody.

Capítulo 4

Judith nunca tinha posto os pés na Dunwoody Arts, até porque nunca sentira a necessidade de comprar uma obra de arte. Para quê, quando tinha herdado a coleção de quadros da tia-avó que vinha com a casa?

Ao entrar, uma funcionária muito jovem levantou os olhos marejados de lágrimas da secretária.

— Oh — balbuciou Judith. — Já sabe o que se passou.

— A polícia ligou agora mesmo — admitiu a rapariga. — Ainda não estou em mim.

— É claro que não — respondeu Judith amavelmente, atravessando a galeria para se sentar na cadeira livre ao lado da secretária da rapariga. Depois, esquadrinhou a sua mala de mão e tirou um pacote de lenços de papel, oferecendo-lhe um.

— Obrigada — disse a rapariga, antes de se assoar.

— Talvez me deva apresentar — ocorreu a Judith. — Chamo-me Judith Potts.

— Eu sei. Vive naquele grande casarão junto ao rio.

— Exato. Já nos conhecemos?

— Vimo-nos uma vez, por acaso — disse a rapariga, sorrindo com a recordação. — Eu estava a ser assediada por uns rapazes à porta do *pub*, há uns dois anos. A senhora interveio e enxotou-os.

— Ai sim? — Judith não se lembrava de nada, embora fosse exatamente o género de coisa que era capaz de fazer. Não tolerava a maneira como os homens, às vezes, pareciam agir em matilha, incomodando raparigas jovens que estejam sozinhas.

— Chamo-me Antonia — disse a rapariga. — Antonia Weber. E obrigada por me ter ajudado daquela vez. Foi simplesmente fantástica.

— Tenho a certeza de que não precisava da minha ajuda para nada. Parece-me bastante capaz de tomar conta de si própria.

Judith tornou a vasculhar a mala, fazendo aparecer uma caixa antiquada de doces.

— Quer uma guloseima? — Antonia não soube como reagir à pergunta. — Não? — insistiu Judith. — Importa-se que eu coma uma?

Judith abriu a tampa da lata, pescou um reбуçado no meio do açúcar glacê, inseriu-o na boca e pôs-se a chupá-lo uns segundos.

— Lima — pronunciou com satisfação. — O meu preferido. Enfim, espero que não se importe com a minha aparição súbita, mas se a ajudei no passado, talvez então me possa ajudar desta vez. Sabe, eu sou vizinha do Stefan e estou a tentar perceber o que lhe aconteceu. É tão triste. Terrível. Presumo que trabalhe aqui?

— Sim — respondeu Antonia. — E é claro que a posso ajudar. Sou assistente do Sr. Dunwoody. Só durante o verão, antes de ir para a universidade.

— Quer dizer que está cá há pouco tempo?

— Sim. Mas o Sr. Dunwoody era tão bondoso. Nem acredito que ele morreu.

— Concordo plenamente consigo. Mas em que medida diria que ele era bondoso?

— Bem, interessava-me por mim. Sabe como é? Por aquilo que eu pensava. Acerca de política ou do ambiente. Ou quais eram os meus planos para a universidade.

— Interessava-se por si?

— Não dessa maneira, claro — retorquiu Antonia, apercebendo-se do tom de Judith. — Não era nenhum tarado. Era só um velhote. Era assim que ele se descrevia a si mesmo. Um velhote. Que vivia sozinho rodeado por arte. Eu gostava dele.

A descrição enquadrava-se bem na relação de vizinhos-que-dizem-olá-de-vez-em-quando que Judith tinha de Stefan. Ele parecia sempre bastante feliz quando a via, e fazia questão de gritar qualquer coisa agradável do outro lado do rio, como «Que linda manhã!» ou «Que belo dia!». Judith fez um sorriso triste com a recordação.

— Acho que era um bom homem — disse.

— Era, sim — concordou Antonia.

As duas mulheres ficaram sentadas num silêncio amigável durante um instante, enquanto Judith chupava com satisfação o seu rebuçado.

— E alguém o matou — disse ela por fim.

Antonia arregalou muito os olhos.

— O quê?

— Não sabia?

— Não. O homem que telefonou disse que ele teve um acidente.

A mala de Judith continuava aberta em cima do colo dela. Fechou-a com um estalido.

— Lamento imenso, mas não foi nada disso que aconteceu. Ele foi morto a tiro.

— Não acredito!

— Oh, sim, tenho a certeza absoluta. Sugiro-lhe, portanto, que me deixe ajudá-la a fechar a loja. Ninguém espera que consiga trabalhar depois de um choque destes.

— Acha mesmo que é isso que eu devia fazer?

— É claro.

— E era capaz de me ajudar?

— Não tenho de ir a lado nenhum. Como é que tratamos do assunto?

Antonia mostrou-lhe um conjunto de chaves, explicou como funcionava o sistema de alarme, e as duas mulheres fecharam a galeria, virando a placa na porta para assinalar que estava encerrada. Tal como Judith suspeitava, o simples ato de cumprir uma tarefa maquinal pareceu ajudar Antonia a processar tudo o que acontecera.

Judith escolheu cuidadosamente o momento de avançar.

— Sabe, a verdade é que ele também podia não ser assim tão perfeito — comentou, como se o pensamento lhe tivesse acabado de ocorrer.

— O quê?

— O Sr. Dunwoody. A lógica sugere-nos que ele talvez não fosse tão inocente como parecia ou, então, que teria pelo menos um amigo ou conhecido que era má rês. Tendo em conta o que lhe fizeram.

— Ah, sim, estou a perceber. Mas não. Ele era mesmo boa pessoa. E também não acredito que houvesse alguém com ponta de maldade na vida dele.

Judith viu Antonia a franzir o cenho.

— O que foi? — perguntou.

Antonia não disse nada.

— Conte lá — pediu Judith. E depois ficou à espera. Sabia que às vezes a melhor maneira de convencer alguém a falar era ficando calado.

— Bem, é só que... Como a senhora sugeriu que podia haver alguém que fosse «má rês» entre os conhecidos do Sr. Dunwoody, lembrei-me de uma pessoa, só isso — acabou por confidenciar a rapariga.

— E quem é essa pessoa?

— Não faço ideia. Não sei o nome dele.

— Então e que tal contar-me o que sabe acerca dele, a ver o que conseguimos descortinar juntas?

— É um cavalheiro já mais velho. Cabelo branco ou grisalho. Assim pela altura dos ombros. Era muito alto e distinto.

— E era amigo do Sr. Dunwoody?

— Acho que não. Apareceu na galeria a semana passada.

— Em que dia da semana passada?

— Segunda-feira.

— Muito bem. Então esse tal homem veio à galeria na segunda-feira?

— Exato. E, quem quer que fosse, o Sr. Dunwoody levou-o imediatamente para o gabinete. Era como se tivesse ficado envergonhado com a visita.

— Estou a ver. Que interessante. E depois, o que aconteceu?

— Não tenho bem a certeza. Entraram os dois no gabinete do Sr. Dunwoody, mas pouco depois ouvi-os a falar alto um com o outro. Fiquei sem saber o que fazer. Uma das minhas tarefas é servir café ao Sr. Dunwoody sempre que ele tem visitas. Fiquei atrapalhada. Não sabia se lhes devia levar café ou não.

— E conseguiu ouvir o motivo da discussão?

— Quando estava do lado de fora do gabinete, não, mas depois acabei por arranjar coragem, bati à porta e perguntei se eles queriam café. O ambiente estava de cortar à faca. O homem alto de cabelo grisalho disse que não queria nada. Foi até bastante anti-pático. Despachou-me com um gesto.

A rapariga calou-se, num silêncio meditativo.

— Muito interessante — comentou Judith. — Mas disse que não os ouviu enquanto estava lá fora?

Antonia não foi capaz de acompanhar o raciocínio de Judith.

— O quê?

— Começou por dizer que não os ouviu enquanto estava *fora* do escritório. Deduzi por isso que talvez os pudesse ter ouvido quando entrou.

— Ah, sim, é claro. Desculpe. Enfim, como o cavalheiro de cabelo grisalho me mandou embora, eu saí, mas, quando ia a fechar a porta, ouvi o Sr. Dunwoody dizer-lhe: «Eu devia ir à polícia imediatamente.»

— E o que foi que o homem de cabelo grisalho respondeu?

— Não sei. Fechei a porta antes de poder ouvir a resposta.

— Estou a ver. Mas tem mesmo a certeza que o Sr. Dunwoody disse que devia ir à polícia?

— Sim.

— E faz alguma ideia do porquê?

— De todo. Lamento imenso.

— Não lhe ocorreu abordar mais tarde o assunto com o Sr. Dunwoody?

— Nunca na vida. Mas, agora que fala nisso, sim, até abordou. Estávamos a trancar a galeria no fim do dia e o Sr. Dunwoody pediu desculpas por eu ter sido obrigada a assistir àquela discussão.

— E o que foi que lhe respondeu a isso?

— Bem, percebi que ele estava bastante chateado com a situação, por isso respondi-lhe que não havia problema, que não tinha visto nem ouvido nada de especial. E ele disse uma coisa muito estranha: «O desespero leva as pessoas a fazer coisas estúpidas.»

— A que raio é que se estaria ele a referir?

— Não faço ideia. Mas foi o que ele disse.

Judith sentiu um arrepio de entusiasmo. Quem seria esse homem de cabelo grisalho que apareceu na galeria para discutir com Stefan? Ao lembrar-se de que o seu vizinho se tinha envolvido numa altercação com Elliot Howard na Regata de Henley, teve uma ideia.

— O seu computador está ligado à Internet? — perguntou.

Antonia anuiu.

— Importa-se de me fazer uma pequena pesquisa?

— Claro que não. Do que é que precisa?

— Pode procurar o nome Elliot Howard?

— Acha que terá sido o homem que cá esteve?

— É uma hipótese. Vamos só ver se conseguimos encontrar uma fotografia dele online.

— Como queira — respondeu Antonia, dirigindo-se à secretária para abrir o *browser* no computador. Introduziu o nome «Elliot Howard» na barra de pesquisa.

— Esse mesmo — disse Judith, apontando para o primeiro resultado.


Antonia carregou no link, que abriu a página da Leiloeira de Marlow. Depois, seguiu-se o link «Quem Somos» no topo da página e, dali a um segundo, estavam as duas a ver os nomes e as fotografias dos principais elementos do pessoal.

A primeira imagem era de um homem bem-apessoado que teria 50 e muitos anos, com o cabelo grisalho pelos ombros. A legenda dizia que se chamava Elliot Howard e que era o diretor da Leiloeira de Marlow.

— É ele! — disse Antonia, boquiaberta. — É o homem que esteve aqui na segunda-feira.

Judith debruçou-se sobre o monitor, para ver melhor a foto.

— Apanhei-te! — sussurrou para o homem no ecrã.



Para resolver um crime impossível,
são precisas heroínas improváveis.

Aos 77 anos, Judith Potts conseguiu finalmente ter a vida que sempre quis. Vive sozinha, numa velha mansão nos arredores de Marlow, uma pequena cidade não muito longe de Londres, sem marido que lhe diga o que fazer ou quanto whisky pode beber, ocupando o seu tempo a compor palavras cruzadas para o *Times*.

Certa tarde, durante um mergulho no Tamisa, Judith testemunha um crime brutal. Ao perceber que a polícia, no entanto, não lhe dá qualquer crédito, decide investigar por conta própria. Rapidamente a ela se juntam Suzie, uma excêntrica passeadora de cães, e Becks, a cerimoniosa esposa do vigário local. Nasce, assim, o **Clube do Crime de Marlow**.

A calma habitual da cidade volta, contudo, a ser abalada: é descoberta uma nova vítima, assassinada do mesmo modo que a primeira, e a hipótese de se tratar de um assassino em série começa a ganhar forma.

Mas o puzzle que este clube de detetives amadoras tem pela frente depressa se transforma numa armadilha da qual podem não conseguir escapar...

«Além de hilariante, a trama é magnífica, e o final, vertiginoso.»

Lancashire Evening Post



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Policial

 penguinlivros.pt

  topseller.editora

ISBN 9789896235192



9 789896 235192 >